

Som, territorialidade, fluxos migratórios: apontamentos conceituais para uma etnografia

Daniel Stringini¹

UNIRIO/PPGM

Doutorado

Etnografia das Práticas Musicais

daniel.stringini@gmail.com

Resumo: Neste texto foco nas noções de espaço e territorialidade relacionadas à etnografia que tenho construído entre músicos da comunidade haitiana no sul do Brasil. Me aproximo de discussões sobre som e território em etnografias com sociedades indígenas no Brasil, e do campo dos *sound studies*, para desenvolver considerações sobre espaço e práticas sonoras em um contexto migratório. De uma perspectiva etnomusicológica tenho pensado os fluxos migratórios mediados pelo sonoro, pelas agências sonoras e pelos processos criativos dos sujeitos. Sugiro que a produção de espacialidades e circulação estão ligadas às estratégias políticas, sociais e sonoras dessa comunidade. Do ponto de vista da teoria da “autonomia das migrações”, tomo essas práticas enquanto produções de subjetividade nas fronteiras e através delas.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Fluxos migratórios; Territorialidade; Músicos haitianos

Sound and Territoriality in Migratory Flows: Theoretical Notes for an Ethnography

Abstract: In this article I focus on the notions of space and territoriality related to the ethnography that I have been building between musicians from the Haitian community in southern Brazil. This study approach itself to discussions about sound and territory in ethnographies with indigenous society in Brazil, and also in the field of sound studies, to develop considerations about space and sonic practices in a migratory context. From an ethnomusicology perspective I have thought about the migratory flows mediated by the sound, by sonic agencies and by the creative process of the subjects. I suggest that the production of spacitality and circulation are linked to politics, social and sonic strategies of these community. From the point of view of the “autonomy of migrations” theory, I take these practices as productions of subjectivity at and across border.

Keywords: Ethnomusicology; Migratory flows; Territoriality; Haitians musicians

Neste texto focalizarei as noções de espaço e territorialidades relacionadas a etnografia que tenho construído entre músicos da comunidade haitiana no sul do Brasil. Concentrarei a discussão em torno dessas noções a partir de minha experiência e envolvimento com o campo até esse momento, de escutas, observações e de referenciais teóricos.

Vinculada ao doutorado em etnomusicologia, de forma ampla tenho procurado pensar os fluxos migratórios mediados pelos fluxos sonoros, pelas agências sonoro musicais e pelos processos criativos desses músicos. Circunscrita no espaço urbano da cidade de Chapecó e região

1 Orientador: Álvaro Neder. Agência de fomento de bolsa: CAPES

oeste do Estado de Santa Catarina, a etnografia reverbera questões de uma Etnomusicologia e Antropologia Urbana (AGIER, 2015; HEMETEK, 2010; REYES, 2007) e dos *Sound Studies* (BORN, 2013; NOVAK, SAKAKEENY 2015), articuladas a um engajamento político em campo inspirado em autores que tem debatido múltiplos modos de participação, militância e ação em trabalhos de campo etnomusicológico no Brasil (ARAUJO, 2008, 2013; NEDER, 2016, 2019) e em outras partes do mundo (DIRKSEN, 2012, 2013; HARRISON, PETTAN, 2010; IMPEY, 2002; PETTAN, 2010)

Os músicos que tem participado deste etnografia tem desenvolvido trabalhos em múltiplos estilos e gêneros musicais como reggae, rap, trap, rap crioulo, kompa (tradicional gênero haitiano), blues, rock, música de concerto e música gospel, cantados nos idiomas crioulo haitiano, português, inglês, francês e espanhol. É a partir dos locais em que tais trabalhos musicais tem sido apresentado, gravado, ensaiado, performatizado, e a partir também da circulação desses músicos através desses espaços que sugiro considerações sobre esses percursos pela cidade, sobre como a cidade atravessa esses músicos e sonoridades e sobre as estratégias e agenciamentos dos sujeitos diante desses atravessamentos. Ainda sobre o campo etnográfico na sua heterogeneidade, cabe dizer que esses músicos são naturais tanto da capital Porto Príncipe como de cidades haitianas menores como Saunt-d'Eau, Jérémie, Gonaives, Cabo Haitiano.

Os fluxos migratórios em questão são implicados e cruzados, evidentemente, pela dimensão dos deslocamentos e das diásporas que Joseph Handerson (2015) e Kassoum Dieme (2017) afirmam estarem historicamente no horizonte de possibilidades da sociedade haitiana. A ideia de deslocamento, assim, possui camadas complexas que não adentrarei aqui. Para esta discussão conceitual tomarei como referência seus percursos e movimentos no novo destino e através dele, esses, contudo, menos enfatizados neste texto.

Provisoriamente entendo que tais deslocamentos urbanos podem ser considerados em termos de um desenho geográfico/sonoro outro. Sugiro que os trajetos tecidos pelos músicos migrantes tem instaurado uma situação e uma configuração nova ao mesmo tempo em que impõem desafios aos locais de destino e revelam os limites destes. Sandro Mezzadra (2012), quando se refere às migrações como movimentos que desafiam os limites da imaginação política, aponta sobre o trabalho de Bonnie Honig: “as práticas pelas quais, de acordo com a autora, a cidadania dos migrantes se expressa (mesmo nas condições de exclusão radical da cidadania juridicamente codificada) são vistas como questionadoras das bases estruturantes da própria democracia.” (MEZZADRA, 2012, p.95)

Os primeiros *insights* com relação a uma outra cartografia possível da cidade se deram durante o curso de *Etnomusicologia e Filme Etnográfico* na primeira fase do doutorado. Faço uma discussão sobre o processo desse filme em Stringini (2019b) em que construí com os músicos um curta-metragem a partir de falas e recortes de seus shows, ensaios e videoclipes. Pensar as linhas traçadas entre uma escola de música no centro e um estúdio de ensaio/gravação no bairro periférico Efapi, entre shows no centro e na praça central e as igrejas haitianas na avenida principal do bairro Efapi, entre as casas em que acontecem os ensaios e as músicas feitas no estádio do time local, entre os shows nas universidades e os inúmeros *home studios* dos músicos participantes, são debates que surgiram a partir da construção desse filme etnográfico. Tenho perseguido essas questões nas minhas experiências em campo a partir do que tenho percebido e do que eles me dizem sobre múltiplos modos de criação, sejam essas de som, de festas, de *beat*, do repertório de canções, de letras (o português mixado com crioulo, inglês, francês e espanhol), de participações em eventos brasileiros ou de colaborações com músicos locais. Da perspectiva da autonomia das migrações, como posto por Mezzadra (2012), tomo essas práticas enquanto produções de subjetividade nas fronteiras e através delas (MEZZADRA, NEILSEN 2013). Situo, assim, as criações sonoras e as territorializações como implicadas nessas produções de subjetividades.

Centralmente, neste texto me aproximo de discussões sobre som e território em etnografias com sociedades indígenas no Brasil e em etnografias produzidas no campo dos *sound studies*. Tal literatura tem fundamentado e iluminado minha experiência etnográfica em um contexto migratório.

1 Território e sociedades indígenas

Em *Escuta e poder na estética Tikmu'un Maxakali*, Rosangela Tugny (2011) aborda a densa trama das práticas sonoras da sociedade Maxakali e determinada ética acionada em suas narrativas que apontam para o desejo por uma não sincronia dos gestos, movimentos, sons: o consenso e simultaneidade na execução sonora como algo a ser evitado. A partir de um enfoque nos aspectos estéticos das sonoridades desta sociedade indígena, Tugny traça paralelos com as categorizações de *espaço liso* e *espaço estriado* desenvolvidas pelo compositor vanguardista do século XX Pierre Boulez, quando este propõe parâmetros de execução, composição e escuta que se afastam dos marcos instituídos pelo pensamento ocidental presente na música de concerto. Em síntese, pode-se dizer que Boulez procurava conceituar um fazer sonoro que não fosse organizado

via os tradicionais pulsos regulares. Tugny diz que “em um primeiro momento, Boulez se refere a ‘tempo pulsado’ e ‘tempo amorfo’ e depois chega a concluir a analogia com os espaços - ‘liso’ e ‘estriado’” (Ibid., p.171), em que o espaço estriado seria aquele que apresentaria os recortes, as pulsações, e em que o tempo liso seria aquele sem marcações, não fechado, que se desenvolve qualitativamente, aquele que é o resultado de um trajeto percorrido.

A autora afirma que seu interesse por tais discussões se dão na medida em que, para ela, Pierre Boulez sugere “saídas” para o debate imperante na antropologia e linguística da década de 1950, qual seja o da oposição entre contínuo e discreto nos estudos de diferentes culturas. Para Tugny, Boulez reorganiza tal oposição e propõe algo para além do contínuo e do discreto: “a noção do espaço liso se define a partir de manifestações ativas, dinâmicas, sutis e qualitativas do espaço que configuram o evento. O espaço não é uma categoria a priori.” (Ibid., p.171). Coloco em relevo esta última frase de Tugny uma vez que ela reverbera e atravessa as articulações que proponho neste texto, no sentido de pensar o espaço como resultante de relações e agenciamentos.

Detenho-me em dois rituais Maxakali analisados por Tugny (*xunim* e *hemex*): a autora aponta a transição e sobreposição entre os cantos finais do *Xunin* (“espaço liso, sem pulsações, sem medidas isócronas, sem divisões temporais observáveis”), e os cantos iniciais do *Hemex* (“com suas vozes extremamente graves e seus vibratos arrastados, servem como uma textura estriada, sobre a qual se assentam ou se contrastam todas as manifestações acústicas”) os quais formam uma densa produção acústica. A respeito disto a autora aponta que “enquanto um grupo de *xunim* está no pátio, sentado em volta do *mimãñãm*, escutamos os passos de um grupo de espíritos *hemex* que chega ao *kuxex*. Alguns deles se põem a dançar no pátio com as moças e outros ficam dentro do *kuxex* cantando” (Ibid., p.175).

Tugny adensa sua descrição e análise ao se aproximar do debate proposto por Deleuze e Guattari – quando estes tomam tais categorizações de Pierre Boulez sobre espaço liso e espaço estriado – a fim de pensar “sobre os povos nômades e sobre suas percepções de espaço” (Ibid., p.169). A respeito disto, Tugny afirma:

Quando Deleuze & Guattari tomaram de empréstimo um conceito musical que logrou apagar as fronteiras entre o contínuo e o discreto, entendiam perfeitamente as consequências dessa noção. Pensar esses recortes é também uma forma de pensar como ocupar o território, pensar como se constitui a percepção do espaço e suas transformações no mundo capitalista. (TUGNY, 2011, p.178)

Através de um longo trabalho com os Maxakali, e quando se refere às viagens em que juntos buscaram mapear os lugares mencionados nos cantos, é interessante como Tugny enfatiza o quanto “o território, para eles, deixa de ser um espaço marcado, delimitado, recortado [...] O espaço é aquilo que as relações constituíram. Os lugares que procuramos encontrar a partir dos cantos são resultantes de um percurso afetivo, relacional [...]” (TUGNY, 2011, p.179). Nestas exegeses a autora deixa ressoar aquilo posto por Deleuze e Guattari quanto ao espaço liso como um espaço intensivo, “[...] o que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo”(Ibid., p.179)

Tugny afirma, ainda, que para os Maxakali o território é ocupado enquanto espaço liso, “desenhado e preenchido pelos encontros que fazem e fizeram com todas as espécies com as quais mantêm a possibilidade de se comunicarem” (Ibid., p.180).

Para os Tikmü'ün o que chamaríamos de tempo espaço é percebido como algo da ordem qualitativa, função dos percursos múltiplos e intensos que as diversas configurações populacionais neles inscrevem, opostamente ao espaço recortado, esvaziado de subjetividades, de códigos, de comportamentos, opostamente, enfim, ao tempo-espaço do modo capitalista de ser, fundado na cartografia, esquadrihado, habitado apenas por medidas. (TUGNY, 2011, p.180).

Relacionado ao espaço recortado a que ela se refere enquanto um espaço próprio das operações impostas pelo capitalismo, sugiro que implicada nas noções de espaço e circulação estão as dimensões das redes e dos encontros. Quer dizer, um processo de territorialização, reterritorialização compostos pelos encontros possíveis tanto entre a própria comunidade haitiana na diáspora quanto entre migrantes e sociedade local.

Ainda em diálogo com Rosângela Tugny, a etnografia de Eduardo Rosse (2007), também entre os Maxakali, focaliza o ciclo festivo do *xunim* (morcego), um dos inúmeros ciclos cantados deste grupo indígena. A partir do capítulo *Um movimento de dança* em que Rosse aborda a complexidade dos deslocamentos e percursos realizados durante ritual *xunim*, enfatizo momentos desta ritualística e as respectivas análises produzidas pelo autor. Rosse refere-se às trocas entre humanos e não-humanos (entre *xunim* e os humanos) travadas no ritual: alimenta-se *xunim* e em troca recebe-se seu canto. O autor aponta que “os diferentes deslocamentos espaciais marcados em

certas sessões do *xunimxop* [o ritual como um todo] parecem operar todos no seio desta troca” (ROSSE, 2007, p.86).

Os movimentos principais dividem-se em três: o primeiro sendo realizado das aldeias dos *yami* (situadas num “além”) para *kuxex*; o segundo *sendo* da floresta para a aldeia (em caso de caça); e um terceiro sendo “dentro da aldeia: *kuxex* – pátio - casas, seguidos do caminho inverso, casas – pátio - *kuxex*” (Ibid., p.86). Rosse direciona sua atenção para o terceiro destes movimentos, “aquele que apresenta um maior acento e que é realizado durante um tempo maior, estabelecendo a troca entre *kuxex* e casas, entre *yami* + homens de um lado e mulheres de outro, passando pelo espaço intermediário do pátio”. (Rosse, 2007, p.86).

É interessante notar como através dos movimentos entre os espaços do *kuxex*, do pátio e da casa as práticas sonoras são agenciadas. O autor observa que é através destes deslocamentos que as trocas e disputas simbólicas operam. Que é partir desta cosmologia *Tikmun* Maxakali que os cantos adquirem substâncias. E que, ainda, “este roteiro é construído, finalmente, não só através do canto, mas também dos passos e do percurso da dança” (Ibid., p.87).

Um mapa traçado pelo autor, assim, representa este deslocamento espacial e a consequente mudança que o canto efetua. Um canto que traça um percurso inicial sem substância e que em um segundo momento adquire tal substância: “Desprovido de conteúdo semântico, e consequentemente impossibilitado de ter uma parte central, o canto inicial com o qual *xunim* sai do *kuxex* e começa seu percurso de dança não se enquadra na fórmula geral presente no caso dos cantos com substância.” (Ibid., p.94). Composta de uma só parte principal, cantada repetidamente, *xunim* e o grupo cantor chega ao meio do pátio, momento em que há uma pausa no canto ainda sem substância:

Resumindo ao máximo uma estrutura do percurso, teríamos então a saída de homens e *xunim* do *kuxex* em direção às casas onde vão receber comida das mulheres. Em troca da comida que recebem, seu canto passa a oferecer palavra, passa a contar, a ter “substância”, conteúdo semântico. Num momento anterior, vimos que as palavras já haviam começado a surgir durante a dança com as moças no pátio. Na verdade parece que o que é fundamental para a “substância” dos cantos é uma interação feminina. Sempre que ela existe, os cantos adquirem substância. Mas é na comida que esta substância vai ter seu equivalente simbólico mais importante, após o qual ele será cantado em maior quantidade, durante um tempo maior, no trajeto casa-*kuxex* que segue o recebimento da comida. (ROSSE, 2007, p.100)

Reapresento de forma extensa as contribuições de Rosângela Tugny e Eduardo Rosse, ao pensarem as dimensões espaciais em uma sociedade indígena no Brasil, uma vez que elas me revelam uma possibilidade de escuta aos movimentos dos músicos migrantes e suas sonoridades com os quais tenho trabalhado. Sugiro que os deslocamentos travados através dos territórios de Chapecó e região oeste catarinense (estendendo ainda para os estados do Paraná e São Paulo no caso de alguns músicos), são compostos por uma organização sonora musical política. As festas mobilizam a comunidade haitiana tendo a música como centralidade. Os DJs, as bandas, os grupos de dança, as montagens de som, os equipamentos, as divulgações das festas através de vídeos musicais evidenciam o protagonismo do sonoro nos percursos traçados pelos músicos em torno da cidade. Considero que haja, também, uma ideia de comunidade operando nas práticas sonoras (SHELEMAY, 2011). Em diálogo com uma música de *Pitit Guerline Nan* (rapper haitiano da cidade de Saut-d’Eau), a construção de seu arranjo, sua gravação em estúdio e certa dimensão coletiva de sua composição, tenho explorado modos de pensar a participação etnográfica (STRINGINI, 2019c).

2 Território e os sound studies

Para Deleuze e Guattari (1997, p.122-123) “o território não é primeiro em relação à marca qualitativa, é a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras, elas supõem antes uma expressividade que se faz território”. Com relação aos espaços liso-estriado, antes de situá-los enquanto concepções dicotômicas e excludentes, Deleuze e Guattari se referem à predominância de um ou de outro e de uma passagem constante de um a outro desses espaço-tempo. O que me interessa, nesse sentido, é mapear essas passagens e predominâncias nas suas relações com o sonoro-musical.

A partir de uma perspectiva crítica aos *sound studies*, Andrew Eisenberg (2015, p.195) afirma que “é difícil identificar qualquer trabalho no campo dos *sound studies* que de algum modo não trate sobre espaço, mesmo que incorporando implicitamente preocupações epistemológicas e ontológicas com respeito à espacialidade do som”². A partir disto o autor apresenta cinco possíveis modalidades de espacialidade sonora presente nestes estudos: campo fenomenológico, virtual, ecologia, circulação e território.

2 Tradução do autor.

A respeito da categoria território, diz: “Território [...] trata-se da criação de fronteiras, de cercamentos e da produção de interioridade e exterioridade”³ (Ibid., p.199). Em referência à Deleuze e Guattari afirma que “práticas sonoras territorializam pela capacidade de combinar vibrações físicas com sensação corporal e significados culturalmente condicionados”⁴.

Meus trajetos pelo bairro Efapi são permeados de sons que escapam das casas, das lojas e igrejas haitianas, o *kompa* e o gospel em volume alto, sons do idioma crioulo haitiano cantado e falado nas ruas. Os ensaios de uma das bandas na qual tenho participado como instrumentista (especializada no gênero Kompa Haitiano) acontecem sempre na casa de algum dos músicos neste mesmo bairro. Acontecem durante várias horas e é ouvido pela vizinhança ao longo do quarteirão. As festas haitianas, quando acontecem em ginásios esportivos, não sem tensões e conflitos, criam uma marca sonora no bairro⁵. Na primeira festa que fui convidado, ao me explicar sobre a localização do clube um dos músicos me disse que bastaria que eu chegasse até a avenida principal que facilmente eu ouviria o som e assim poderia encontrar o caminho até a festa. Em manhãs de domingo, determinado trecho da avenida principal que cruza um bairro periférico é atravessada por sons que saem das igrejas haitianas: músicas *kompa* de uma, bandas e corais gospel de outra e uma multidão mobilizada nos rituais.

Ao abordar sua etnografia entre comunidades muçulmanas marginalizadas na costa do Quênia, país que tem o cristianismo como religião mais expressiva, e a partir de uma abordagem que ele chama de *participant – audition*, Andrew Eisenberg investiga a produção de fronteira em uma antiga cidade muçulmana focalizando numa “paisagem sonora islâmica” (“islamic soundscape”) e suas projeções sonoras como marcadores de diferenças. Diz que essa tarefa de escuta “exige atenção para espacialidades sônicas não somente como múltiplas mas também como sobrepostas e mediadas mutualmente”⁶ (EISENBERG, 2015, p.200). Ao apresentar determinados episódios etnográficos diz que estes são alguns dos que compõem “os termos para uma política espacial cotidiana através da qual os residentes muçulmanos da velha cidade constantemente constroem uma ‘privacidade comunitária’ sonora que é posta em tensão com relação ao entendimento liberal democrático Queniano do espaço urbano”⁷ (Ibid., p.201). A partir da etnografia de Andrew Eisenberg e de forma mais ampla do campo dos *sounds studies*, assim, me interessa

3 Tradução do autor.

4 Tradução do autor.

5 Em texto inspirado em Suzanne Cusick (2006) tenho discutido episódios de racismo e xenofobia neste campo e sobre aspectos relacionados às camadas da experiência sonora e social. (STRINGINI, 2019a).

6 Tradução do autor.

7 Tradução do autor.

considerar dimensões mais sensíveis da presença sonora (GOODMAN, 2010) em um contexto de fluxos migratórios.

3 Algumas considerações

Procurei apresentar considerações conceituais sobre espacialidade e territorialidade a partir de experiências etnográficas com sociedades indígenas e de etnografias produzidas no campo dos *sound studies* na medida que elas tem informado minha experiência etnográfica. Desta perspectiva tenho proposto uma inter relação entre território e práticas sonoro-musicais entre artistas e comunidade haitiana no Sul do Brasil.

O pensamento de Rosângela Tugny e Eduardo Rosse incidem na etnografia em que estou envolvido também naquilo que se refere a pensar nas formas pelas quais os músicos migrantes “se tornam” músicos no processo de deslocamento/migração, e a pensar o quanto isto têm modificado ou impactado suas construções sonoras. A partir da etnografia de Rosse, mais especificamente, tenho procurado observar e considerar aquilo que se altera e aquilo que se mantém diante destes fluxos.

Tais referências teóricas apresentadas aqui surgem do esforço de compreender como a etnomusicologia tem se relacionado com espacialidades, território e migração, e minha intenção é contribuir para essa linha de estudos tentando algum avanço nas discussões já abertas por trabalhos fundamentais como os de Martin Stokes (1997) e Thomas Turino (1993).

Tenho buscado uma ética de pesquisa, uma escuta e um modo de participação em campo (STRINGINI, 2019c), e tenho considerado, aqui, as territorialidades numa relação estreita com as produções sonoras nas suas múltiplas frentes, sejam produções de festas, de *beats*, de letras, de arranjos, de timbres, de rituais, de construções de *home studios*, de narrativas sonoras e narrativas sobre o sonoro.

Considerando, por último, a perspectiva da “autonomia das migrações” me aproximo das criações sonoras enquanto produções de subjetividades nas fronteiras e através delas. E nessa direção, sugiro uma escuta etnomusicológica na etnografia entre sujeitos da comunidade haitiana que esteja atenta aos modos como as territorializações tem sido operadas através das produções sonoras.

Referências

- AGIER, Michel. Migrações, descentramento e cosmopolitismo. Uma antropologia das fronteiras. São Paulo/ Maceió: Unesp/ Ufal, 2015.
- ARAÚJO, Samuel. From neutrality to praxis: the shifting politics of applied ethnomusicology. *Muzikoloski Zbornik (Musicological Annual)*, v.XLVI, pp.13-30; 2008.
- _____ (2013) Entre muros, grades e blindados: trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial. *El oído pensante*. v.1, n.1.
- BORN, Georgina (org.). *Music, Sound and Space: Transformations of public and Private Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- CUSICK, Suzanne. (2006). Music as torture, music as weapon. Trans: *Revista Transcultural de Música* 10. Disponível em <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/152/music-astorture-music-as-weapon> [acessado em 10/03/2019]
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.
- DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Handerson (org.). *Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições*. Temáticas: *Revista dos pós graduandos em Ciências Sociais*. IFCH/UNICAMP, n.49/50, 2017, pp.17-48.
- DIRKSEN, Rebecca. Reconsidering Theory and Practice in Ethnomusicology: Applying, Advocating, and Engaging Beyond Academia. *Ethnomusicology Review*. v. 17, 2012. pp.1-35.
- _____ (2013) Surviving material poverty by employing cultural wealth: putting music in service of community in Haiti. *Yearbook for traditional music*, vol. 45 (2013), pp. 43-57.
- EISENBERG, Andrew. Space. Em: NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (eds.). *Keywords in sound*. Duke University Press, USA, 2015.
- GOODMAN, Steve. *Sonic Warfare: Sound, Affect and the Ecology of Fear*. Cambridge: The MIT Press, 2010.
- HANDERSON, Joseph. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, jan./jun. 2015, pp. 51-78.
- HARRISON, Klisala; PETTAN, Svanibor. Introduction. In: *Applied Ethnomusicology: Historical and Contemporary Approaches*, Edited by Klisala Harrison, Elizabeth Mackinlay and Svanibor Pettan. Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- HEMETEK, Ursula. Mundos musicais inesperados de Viena: imigração e música. In: CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, outubro 2010, n.7, Lisboa: ACIDI, pp.119-146.
- IMPEY, Angela. Culture, Conservation and Community Reconstruction: Explorations in Advocacy Ethnomusicology and Participatory Action Research in Northern KwaZulu Natal. *Yearbook for Traditional Music*. v. 34, 2002. p. 9-24.
- MEZZADRA, Sandro. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. *ECO-PÓS*, UFRJ, v.15, n.2, 2012.
- MEZZADRA, Sandro; NEILSEN, Bret. *Borders as Method, or, the Multiplication of Labour*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2013
- NEDER, Alvaro. 2019. “On the Razor’s Edge: Brazilian Ethnomusicology, Participatory Research and Popular Audiovisual Education at Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brazil”. In Ferreira Corrêa, Antenor and Maria Westvall (eds.). Dossier: “Music and Interculturality”. *El oído pensante* 7 (1): 209-235. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante/article/download/14053/45454575767688>
- NEDER, Álvaro; et al. (2016) *Música, religião e produção social de espaço em uma cidade operária - o caso da igreja da pastora Ana Lúcia em Belford Roxo, Rio de Janeiro*. *Per Musi*. Belo Horizonte: UFMG, n.34, p.132-176.

- NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (eds.) *Keywords in sound*. Duke University Press. USA, 2015.
- PETTAN, Svanibor. *Applied Ethnomusicology: bridging research and action*. *Music and Arts in Action*, v.2, n.2, 2010, p.90-93.
- REYES, Adelaida. *Urban Ethnomusicology Revisited. An Assessment of Its Role in the Development of Its Parent Discipline*, Em: Hemetek,U.e Reyes,A.(orgs.), *Cultural Diversity in the Urban Area. Explorations in Urban Ethnomusicology*, Viena: Institut für Volksmusikforschungund Ethnomusikologie, 2007, pp.15-25.
- ROSSE, Eduardo P. *Explosão de Xunim*. [160f.]. Dissertação de mestrado.Universidade de Paris VIII, Paris, 2007.
- SHELEMAY, KAY. *Musical Communities: Rethinking the collective in music*. *Journal of the American Musicological Society*, v.64, n.2, 2011, pp.349-390.
- STOKES, Martin (ed.), *Ethnicity, Identity and Music: The Musical Construction of Place*. Oxford,1997.
- STRINGINI, Daniel. *Música como dispersão, música como desencontro: uma reescuta de recentes debates*. In: XXV Colóquio do Programa de Pós Graduação em Música da UNIRIO, RJ, comunicação, 2019a.
- _____ 2019b. *Etnomusicologia, fluxos migratórios recentes e o uso de registros audiovisuais como possibilidade de construção de um campo etnográfico*. In: IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Unicamp, SP. Anais do IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia, Campinas, Unicamp, 2020, pp.200-208.
- _____ 2019c. *Participação, ética de trabalho e etnomusicologia: notas de uma experiência com o músico haitiano Pitit Guerline Nam*. In: XVIII Colóquio de Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Música da UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.
- TUGNY, Rosângela Pereira de. *Escuta e poder na estética Tikmu'un Maxakali*. Rio de Janeiro: Museu do índio. Série Monografias, 2011.
- TURINO, Thomas. *Moving Away from Silence: music of the peruvian altiplano and the experience of urban migration*. Chicago: The University of Chicago Press. 1993.